



Editorial

A *Revista de Filosofia Instauratio Magna* segue em seu esforço de proporcionar um espaço para a publicação de textos de alunas e alunos de pós-graduação, consoante com sua missão e seu escopo de atuação, de modo a ampliar o debate acadêmico em torno dos temas da filosofia nas suas várias vertentes.

Neste número, apresentamos ao público o dossiê temático intitulado "Filosofia no Brasil". Ele é, inicialmente, o resultado coletivo da disciplina "Tópicos Avançados em Filosofia Moderna", ministrada no primeiro quadrimestre de 2022 pelo Prof. Luiz Fernando Barrére Martin, no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFABC.

Nesta ocasião, o professor se junta ao corpo editorial da *Revista Instauratio Magna* e atua como editor convidado do dossiê. Com isso, ampliamos nossa atuação e consolidamos este um espaço, como mais um voltado para a integração do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFABC, articulando o trabalho de docentes e discentes do nosso programa.

O editor convidado e a equipe editorial se somaram nos esforços de chamamento, convite e articulação da comunidade filosófica e o resultado é um Dossiê Temático que conta com cinco textos inéditos que refletem sobre a filosofia no Brasil. Destes, três são

artigos provenientes de estudantes que frequentaram o curso de "Tópicos Avançados em Filosofia Moderna" da Pós Graduação em Filosofia da UFABC, uma entrevista e, pela primeira vez, abrimos a seção "Especial" da Revista com a publicação de um ensaio escrito a quatro mãos. Os textos dessa edição, seguindo os critérios estabelecidos pelo Qualis periódicos, foram aprovados em um sistema de pareceres duplo-cego realizados por especialistas, de modo a preservar a segurança e o anonimato de todo o processo. O primeiro artigo deste dossiê, intitulado Breves notas sobre o problema da Filosofia no Brasil a partir do conceito de "formação", de autoria de Roger Augusto Barbosa Montemor, doutorando da Universidade Federal do ABC, toma como ponto de partida para pensar o "problema da filosofia no Brasil" a noção de formação tal como é desenvolvida por Antonio Candido com relação à literatura brasileira. Um aspecto bastante relevante desse processo de formação diz respeito ao, num país de cultura periférica, transplante de ideias estrangeiras, no caso europeias, a uma realidade de condições materiais diferentes em relação ao local de onde surgiram. Como essas ideias, transpostas para uma realidade diferente, deixariam de ser meramente postizas e contribuiriam para a constituição de um campo de problemas em continuidade. Tal processo ocorreu na literatura feita no Brasil. Paulo Eduardo Arantes apoia-se nessa noção de formação para pensar se o mesmo processo pode ser observado na filosofia. Se na filosofia feita no Brasil houve, segundo Arantes, a formação de uma cultura filosófica autônoma, a questão

que se coloca é a de saber se essa desprovincianização permite realizar de forma satisfatória o balanço entre o local e o cosmopolita, tal como o Machado de Assis analisado por Roberto Schwarz, de modo que a filosofia seja também capaz de nos fazer pensar o Brasil.

No artigo *Perspectivas para a filosofia brasileira*, Robério Honorato dos Santos, também doutorando da Universidade Federal do ABC, tem como objetivo mais geral refletir sobre as condições de possibilidade de se fazer filosofia a partir de nossa experiência brasileira. Ele discorre sobre tal possibilidade tendo como parâmetros a maneira de pensar a filosofia por Jean Maugüé, Gérard Lebrun e Hanna Arendt, tal como são expostos por Paulo Eduardo Arantes em *Um departamento francês de ultramar*. Aquilo que primordialmente uniria esses filósofos seria a capacidade da filosofia pensar o presente, o que implica desvincular a filosofia de uma atividade meramente técnica ou profissional. Assim, em Maugüé, tendo no horizonte o ensino dessa disciplina no Brasil dos anos 30 do século XX, fundamental é inculcar o tato histórico filosófico, o que por seu turno contribui para o espírito crítico, mas essa necessidade do estudo da história da filosofia se faz sempre na perspectiva de sua remissão a uma tentativa de decifração de nosso presente. Essa mesma atenção ao que nos rodeia está, segundo Lebrun, atuante em Hanna Arendt, quando ela, em *A vida do espírito*, retoma a distinção kantiana entre pensar e conhecer, o

que terá como consequência pensar a filosofia de modo não técnico, muito mais preocupada com os significados das nossas vivências. Arendt também denomina esse desatrelamento de tradições que, no caso da filosofia, a determinam apenas num sentido único, de "pensar sem corrimão", algo que impediria à filosofia se tornar de certo modo algo inócuo.

O terceiro artigo deste número, O problema da "legitimidade" da Filosofia no Brasil, escrito por Mateus Soares de Souza, doutorando na Universidade Federal do ABC, aborda a questão da legitimidade por três vieses: a filosofia como "formação", a filosofia como "método" e a filosofia como "problema". No que tange à legitimidade vista do ângulo da formação, esta é considerada tal como pensada por Antonio Candido. Fundamental nessa apropriação para o caso da filosofia é verificar até que ponto na filosofia feita no Brasil houve a constituição de um corpo de problemas, de um conjunto de obras que, remetendo umas às outras, permitisse que surgisse uma problemática que ao mesmo tempo articulasse universalismo e particularismo, modernidade e provincianismo. Quanto ao viés metodológico, o autor encaminha a discussão a partir de como o ensino de filosofia tomou impulso nas universidades brasileiras por volta dos anos 30 do século XX. Aqui se faz referência ao ensino de Jean Maugüé na Universidade de São Paulo, conforme a descrição de Paulo Eduardo Arantes em Um departamento francês de ultramar. As diretrizes de Maugüé para o ensino de filosofia teriam, em certa

medida, sido confirmadas nas discussões metodológicas presentes nos textos de Martial Guérault e Victor Goldschmidt, demonstrando uma linha de continuidade na filosofia universitária francesa, mesmo que não se restringisse o ensino de Maugüé a uma mera exegese de textos filosóficos clássicos. Mas se há uma ampla aceitação desse estilo filosófico francês no Brasil, contribuindo para pôr a filosofia universitária brasileira atualizada em relação à metodologia de leitura, a legitimidade alcançada seria apenas aparente, uma vez que estaria de costas para pensar problemas originais e contemporâneos. Na vertente em pensar a filosofia produzida no Brasil enquanto "problema" o autor contextualiza a filosofia aqui produzida enquanto uma problemática própria da filosofia moderna pós esclarecimento. Seja via consolidação da filosofia enquanto disciplina universitária, seja no resgate de autores antes esquecidos ou na abordagem que alguns temas e problemas vem ganhando na pesquisa filosófica no Brasil.

Na modalidade entrevista, os estudantes da UFABC Renan Alves Nascimento e Mateus Soares de Souza tiveram a oportunidade de conversar com o Dr. Júlio Miranda Canhada, membro do grupo de trabalho sobre "Pensamento Filosófico Brasileiro" da ANPOF e que publicou, em 2020, o livro "O discurso e a história: a filosofia no Brasil no século XIX", pelas Edições Loyola. A entrevista passeia por temas como o de abordar o problema da filosofia aqui produzida, também a forma própria que o entrevistado articulou a sua própria visão

sobre o tema em seus estudos, a nossa tarefa em (re)descobrir as obras de filósofos e filósofas brasileiras, o papel das universidades e de instituições como a ANPOF na ampliação e qualificação do debate, a relação entre a filosofia e a interdisciplinaridade e a avaliação do entrevistado sobre perspectivas presentes e futuras para a filosofia no Brasil.

Por fim, apresentamos, de forma inédita em nossa revista, o ensaio de título "Vida, pensamento e arte no partido-alto: ensaio sobre os assombros na improvisação musical", escrito a quatro mãos pelos autores Samon Noyama e Jackson Santos, e que apresenta uma interessante abordagem que vincula pensamento filosófico, arte e cultura popular brasileira. O ensaio tem o intuito de chamar a atenção para a existência de outros saberes e como os mesmos podem ser pensados de maneira articulada e crítica com a tradição filosófica ocidental. Ao analisarem a arte do improviso no partido-alto, os autores nos apresentam tal fenômeno como abordagem não apenas musical, mas também ético-política. Os autores defendem que assombros e transe em torno do improviso, além de permitirem uma política das heranças e das gerações, abrem caminho para transgredir os limites impostos pela racionalidade ocidental, seu expediente conceitual e suas intransigências e acabam por contribuir para o desenvolvimento outras metodologias filosóficas.

Esperamos, assim, oferecer ao público de leitoras e leitores um número que amplie o debate e o interesse acerca da filosofia produzida no Brasil, estimulando para que mais autoras e autores publiquem na *Instauratio Magna*. Desta maneira acreditamos dar continuidade à missão da Revista, ampliando a divulgação do trabalho da comunidade de pós-graduação engajada na investigação de temas filosóficos e correlatos, inclusive em suas interfaces interdisciplinares. Por fim, expressamos nosso agradecimento aos autores que contribuíram com seus textos, às avaliadoras e avaliadores, bem como a todos membros colaboradores do corpo editorial. Muito obrigado.

Boa leitura a todas e todos!

Luiz Fernando Barrére Martin

Mateus Soares de Souza

Renan Alves do Nascimento